

AULAS FITNESS COMO CENÁRIO DE UMA SÁTIRA SOCIAL: O HUMOR COMO CONVITE REFLEXIVO À EDUCAÇÃO FÍSICA

CLASES FITNESS COMO ESCENARIO DE UN SATIR SOCIAL: EL HUMOR COMO INVITACIÓN REFLEXIVA A LA EDUCACIÓN FÍSICA

FITNESS CLASSES AS A SCENARIO FOR A SOCIAL SATIRE: HUMOR AS A REFLECTIVE INVITATION TO PHYSICAL EDUCATION

Cássia Marques Cândio *
cmarquescandido@yahoo.com.br

Alexandre Palma de Oliveira **
Palma_alexandre@yahoo.com.br

Monique Ribeiro de Assis *
Monique_assis@uol.com.br

* Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ – Brasil
** Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Resumo Resúmen Abstract

O estudo analisa criticamente o discurso humorístico presente em três esquetes produzidos pelo coletivo humorístico “Porta dos Fundos”, disponível no Youtube. Trata-se daqueles intitulados “Aula de Segunda”, “Aula de Quinta” e “Aula de Sábado”, que satirizam aulas fitness. O método é a Análise do Discurso segundo Orlandi. A tentativa de aproximar o discurso humanista das práticas de culto ao corpo explicitou a rasura de sentidos e as contradições inerentes à dinâmica de muitas atividades oferecidas em academias. Isto possibilitou reflexões sobre bioascese e narcisismo no âmbito das práticas corporais. Também emergiram fragilidades inerentes à produção de conhecimentos no campo da Educação Física, ficando evidente que a superação de seu viés mecânico ainda não foi superado.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física. Corpo. Mídia. Humor.

...

El estudio analiza críticamente el discurso humorístico presente en tres bocetos utilizados por el humorístico colectivo "Porta dos Fundos", disponible en Youtube. Estos son los titulados "Clase de Lunes", "Clase de Jueves" y "Clase de Sábado" que satirizan las clases fitness. El método es un análisis del discurso según Orlandi. Un intento de acercar el discurso humanista a las prácticas de adoración corporal ha enunciado una serie de significados y contradicciones inherentes a las habilidades de muchas actividades ofrecidas en las academias. Esto permite reflexionar sobre la bioascesis y el narcisismo dentro del alcance de las prácticas corporativas. También hubo debilidades inherentes a la producción de conocimiento en el campo de la Educación Física, lo que deja en claro que la superación de sus videos mecánicos aún no se ha superado.

PALABRAS CLAVE: Educación Física. Cuerpo. Medios de comunicación. Humor.

...

The study critically analyzes the humorous discourse present in three sketches used by the humorous collective “Porta dos Fundos”, available on Youtube. These are those titled "Aula de Segunda", "Aula de Quinta" and "Aula de Sábado" that satirize fitness classes. The method is an analysis of discourse according to Orlandi. An attempt to bring humanist discourse closer to body-worship practices has spelled out a number of meanings and contradictions inherent in the

skills of many activities offered in the academies. This enables reflections on bioasceticism and narcissism within the scope of corporate practices. There were also weaknesses inherent to the production of knowledge in the field of Physical Education, making it clear that the overcoming of their mechanical videos has not yet been overcome.

KEYWORDS: Physical education. Body. Media. Humor.

I. Introdução

A Educação Física abordada nos meios de comunicação é alvo constante de estereótipos. Ora a ficção reforça sentidos depreciativos sobre o profissional, como vimos na 18ª temporada da telenovela *Malhação*, cujo professor de Educação Física foi retratado como alguém de baixo nível intelectual e despreparado para lidar com problemáticas que extrapolam a dimensão técnica dos movimentos (CÂNDIDO et. al, 2015). Ora a profissão é significada a partir do discurso científico limitado à perspectiva biológica do indivíduo, como no “Quadro Medida Certa”, exibido pelo programa “Fantástico”, na rede Globo de televisão (CÂNDIDO et. al, 2016).

Um dos motivos que leva à estereotipia é a relação superficial que a Educação Física estabelece com os diferentes modos de se movimentar. Vale destacar que a dificuldade para superar a abordagem fragmentada de corpo é uma marca em sua história (CASTELLANI FILHO, 1988). A divisibilidade “corpo e mente” favorece determinadas instâncias do poder, se configurando uma estratégia poderosa para gerenciar e normatizar a vida das pessoas (Foucault, 2003). Neste contexto, necessidades individuais e coletivas são silenciadas, enquanto interesses de mercado são postos como naturais, principalmente pela mídia.

Como as demandas são exteriores aos indivíduos, os mecanismos de dominação requerem manutenção constante. Por exemplo, observando o desenvolvimento das práticas corporais oferecidas nas academias, constatamos que visando evitar possíveis colapsos, a Era Fitness inaugurada em 1980 foi substituída pelo paradigma Wellness, que a incorporou (FURTADO, 2009). Inicialmente as atividades eram movidas por interesses meramente estéticos e se resumiam à ginástica aeróbica e à musculação, inclusive Jane Fonda obteve grande sucesso com a venda de vídeo-aulas. Mais tarde, a fim de evitar o desgaste deste modelo, foi requisitada a correlação positiva entre prática de exercícios aeróbicos e saúde cardiovascular estudada por de Keneth Cooper. Foi então que o cuidado com saúde e a busca por qualidade de vida foram incorporados ao discurso sobre a vida fisicamente ativa.

Talvez seja possível sustentar, como apregoam Andreasson e Johansson (2014), que hoje existe um embaçamento da relação entre saúde e beleza, característico desse movimento. Vale destacar que por vezes, sobressai o culto ao corpo e, quando há outros interesses, se sustenta na saúde. Como isto acontece de maneira sutil, muitas vezes as pessoas nem se dão conta que estão sendo regidas por fatores externos. Por esta razão é preciso que os profissionais de Educação Física estejam atentos a tais discursos e reflitam sobre suas inconsistências.

É interessante notar que determinadas produções midiáticas vão ao encontro desta

finalidade e iluminam contradições, como é o caso de três esquetes divulgados pelo canal humorístico “Porta dos Fundos”, no YouTube. Assim, nosso objetivo é analisar criticamente o discurso humorístico presente em “Aula de Segunda”, “Aula de Quinta” e “Aula de Sábado”. O que está em foco nos vídeos é uma sátira à sociedade brasileira, mas o cenário que expõe o revés é a alienação existente em torno das práticas de culto ao corpo. O sentido da palavra alienação empregado é o de indiferença em relação às questões políticas e/ou sociais. (KURY, 2001). Através do que foi dito ali, mas que normalmente não seria permitido por ausência necessária, é possível refletir sobre questões fundamentais acerca de práticas de culto ao corpo, bem como sobre a própria Educação Física.

II. Métodos

O método é a Análise do Discurso segundo Orlandi (2007; 2003). Segundo Orlandi (2007) um discurso se produz na articulação entre a paráfrase, que é a produção de um mesmo sentido através de diferenciados modos de dizer e a polissemia que produz múltiplos sentidos. A tensão entre o mesmo e o diferente constitui as várias instâncias da linguagem. É uma relação entre criatividade (ruptura) e produtividade (instituído).

Os dados foram coletados através do acesso à *homepage* do canal “Porta dos Fundos”, disponível gratuitamente no *YouTube*. As edições “Aula de Segunda” e “Aula de Quinta” foram divulgadas em maio, de 2013, na mesma semana e “Aula de Sábado” em julho, de 2014. A opção pelas três esquetes se dá pelo entendimento que elas são complementares na exposição de uma forma de alienação típico dos dias atuais. Também vale dizer que a frequência de publicação dos vídeos é de três vezes por semana, especificamente as segundas, quintas e sábados.

A apresentação e discussão dos resultados iniciam com uma descrição dos enredos. Nele há transcrição de parte dos dizeres das personagens e exposição de imagens relativas às cenas, considerando o enquadramento de câmera que adota o corpo humano como referência, e:

[...] ao registrar uma ação ou estado, escancara a existência de um ponto de vista. Só que esse olhar do enunciador se impõe como olhar do enunciatário. O telespectador, assim, vê-se obrigado a ver o que a lente vê e geralmente passa a desconsiderar tudo o mais que não entra nos enquadramentos (HERNANDES, p.138).

Clarificar as intenções que motivam a opção por determinado plano de câmera é uma estratégia compatível com a análise do discurso. Isto porque permite que se compreenda como se dá a produção de sentido no âmbito processo de edição de vídeos elaborados por profissionais do ramo. Ademais, as análises são norteadas por uma grade desenvolvida por

Serra e Santos (2003), considerando os títulos das edições, quem discursa, o veículo, as estratégias requisitadas para dizer e o que foi dito.

O aporte teórico requisitado para discussão foi pelos seguintes autores: Bergson (2007) e Saliba (2002), que favorecem a compreensão sobre características do discurso humorístico; Foucault (2004), Castellani Filho (1988) e Ortega (2008), que possibilitam explicitar alguns dos mecanismos que investem simbolicamente no corpo, supervalorizando-o; Lasch (1983), que compreende o comportamento dos indivíduos neste contexto; Silva (2001), que permite um olhar sobre a produção de conhecimentos na área; e outros que vão ao encontro destas explicações

III. Apresentação dos resultados com análise das cenas

Iniciando pela contextualização das edições, apresentamos quem discursa, ou seja, o "Porta dos Fundos". De acordo com sua *homepage*:

O Porta dos Fundos é um coletivo de humor criado por cinco amigos que, insatisfeitos com a falta de liberdade criativa da TV brasileira, decidiram montar um canal de esquetes de humor no *YouTube*. Em cinco anos de existência, o grupo atingiu a incrível marca de 3 bilhões de visualizações e mais de 13 milhões de assinantes, se tornando o maior fenômeno da internet brasileira e um dos maiores canais do mundo. (PORTA DOS FUNDOS, 2018).

Dentre os criadores estão os atores Gregório Duvivier e Fábio Porchat que protagonizaram os esquetes. O primeiro encena "Aula de Segunda" e "Aula de Sábado", ora na figura de um professor de *spinning*, como visto em "Aula de Segunda", ora na alusão a um *coach*, nomenclatura do profissional responsável pelas instruções durante a prática do *CrossFit*, como em "Aula de Sábado". "Aula de Quinta" tem Fábio Porchat também como professor de *spinning*.

O *YouTube* é compreendido aqui como o intermediário do discurso. Burgess e Green (2009) o define como um repositório de vídeos que comporta canais de diferentes generalidades na *internet*. O mesmo conta com alternativas que minimizam barreiras tecnológicas para o compartilhamento na rede, sendo o custo um exemplo, pois o investimento necessário para manter um canal é significativamente mais baixo, se comparado a outras mídias tradicionais como a televisão.

Neste sentido o *YouTube* é parte de uma cultura popular interativa que transformou a relação das pessoas com a informação, o audiovisual e o entretenimento. Ele aglutina propostas discursivas de diferentes atores, divulgando ideias que muitas vezes se contrapõem. Trata-se de um mecanismo que gera modos de resistência e ruptura cultural através da divulgação de opiniões e/ou produções artísticas que não seriam admitidas em outras mídias.

Assim, considerando este potencial, o “Porta dos Fundos” é lançado no ano de dois mil e doze. Por meio de sátiras à sociedade brasileira, ele extrapola o mero audiovisual para o riso, expondo o engessamento de ações que demandariam o oposto. Tal mecanismo oferece a possibilidade de correção dos comportamentos requisitados nas provocações (BERGSON, 2007). Assim, o ato de rir cumpre uma função social específica, o que se torna possível pela compreensão da realidade que o desencadeia.

Deste modo, observamos que as provocações emergem logo no título das edições. A opção pelas palavras “segunda, quinta e sábado” remetem a sentidos que não se limitam à coincidência com a rotina de publicação do canal, que ocorre justamente nestes dias. Há ambiguidade em “Aula de Segunda” e “Aula de Quinta”, ou seja, numa perspectiva denotativa, as expressões indicam os dias da semana em que as aulas acontecem. Todavia, podem adquirir uma conotação pejorativa, em que “segunda” indica categoria de baixa qualidade e “quinta” remete a uma prática de procedência ainda inferior em relação à “segunda”. Esta ambivalência de sentidos é considerada por Orlandi (2007) como polissemia.

No que se refere ao título “Aula de Sábado”, a provocação é mais sutil, inclusive para enxergá-la como afronta é necessário identificar a função social que o sábado adquire em nossa sociedade, para em seguida refletirmos se sua ocupação com práticas *fitness* coaduna com tal essência. Assim, considerando os significados presentes no dicionário sábado é “dia de descanso religioso entre os judeus e os adeptos de algumas confissões protestantes” (KURY, p. 703). E ainda sabático diz respeito “a qualquer período em que se observe interrupção de certas atividades regulares” (KURY, p.704). Nesse sentido, constatamos que originalmente existe correlação entre o sábado, o sagrado e o descanso, inclusive nas práticas cotidianas é possível observar que neste dia é comum haver uma diminuição da intensidade de trabalho, configurando-se como uma preparação para o descanso e o lazer.

Por outro lado, quando o assunto é treinamento físico, tais sentidos não costumam ser notados. Objetivando “cuidar do corpo”, as pessoas se submetem à rotina de exercícios mesmo nos finais de semana. As normas impostas pelo estilo de vida saudável requerem dedicação e disciplina de modo ininterrupto, por isso é preciso reservar pelo menos uma parte do final de semana para a malhação. Isto nos levaria a supor que a rigidez comportamental em relação à aptidão física impediria a associação das academias com práticas de lazer, já que em diferentes conceituações, como a de Marcellino (2003), por exemplo, o lazer está associado à ideia de liberdade de escolher como o tempo livre será preenchido.

Todavia, o próprio autor constata que mesmo não sendo elaboradas para o exercício da criatividade e criticidade, as academias são consideradas espaços de lazer por muitos frequentadores, que as procuram dispostos a fazer o que é oferecido. Nesta perspectiva isto seria uma consequência da indústria cultural que incentiva as pessoas preencherem o tempo livre com práticas de consumo, “escolhendo” produtos que a publicidade e lhe apresentam.

Ampliando o foco sobre outros detalhes que contextualizam o fenômeno, identificamos os dizeres que funcionam como chamada para os vídeos, oferecendo pistas do que é dito nos esquetes. Eles são apresentados abaixo junto à descrição de cada edição. Respeitando a sequência de publicação iniciamos por “Aula de Segunda”:

Segunda-feira é o dia oficial de voltar à academia. Usar meião, suar que nem um porco, elogiar o braço dos caras mais fortes... tudo isso sem culpa e de um jeito completamente hétero. E nada melhor que começar os trabalhos numa aula de cores, sons, sensações, dilemas, ursos e emoções mil... o *Spinning* (PORTA DOS FUNDOS, 2013).

Como evidente, trata-se do que poderia ser a narrativa de uma autêntica aula de *spinning*, caso não fosse à menção aos dilemas e ursos. O plano conjunto de câmera situa o espectador em relação ao cenário e movimentação dos personagens. Além do professor, mulheres e homens em idade adulta compõem a aula como ilustrado na Figura 1:



Figura 1. Cenário de “Aula de Segunda”.

A cena inicia com as palavras do professor que guia o imaginário dos alunos na realização de um percurso que visa atingir o cume de uma montanha. Enquanto a viagem é marcada pela fantasiosa perseguição de um urso, a aula transcorre com momentos de esforço físico intenso intercalado por pausas de relaxamento.

Logo em seguida emergem do enredo as contradições presentes na alienação a que os participantes estão se submetendo na realização de tal atividade. Fica explícita a rasura de sentidos que permeia a movimentação frenética estimulada por ritmos, luzes e comandos verbais distantes da realidade. Na Figura 2 observamos, pela utilização do plano próximo de câmera, a dissolução do espaço e o destaque para a expressão reflexiva da personagem:

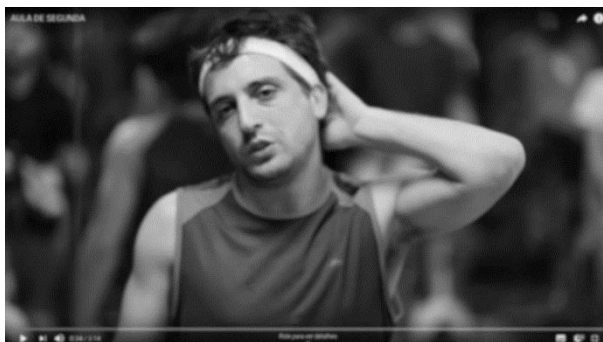


Figura 2. Semblante do professor em “Aula de Segunda”.

Além da expressão incomum para a ocasião, o professor ainda provoca reflexões considerando problemáticas de âmbito pessoal, como relacionamentos interpessoais postos em segundo plano, bem como nas despesas a pagar. As inquietações vêm à tona através dos seguintes dizeres:

- [...] Pensa na vida inteira que poderia ter sido e que não foi.
- Nas mulheres que não amamos né, Rafa?
- Nos projetos que não completamos né, Cintia?
- [...] Pensou... na vida, as contas a pagar.

Dizeres reflexivos se intercalam com comandos motores típicos das aulas de *spinning* e com provocações sobre a saúde mental dos alunos até o final do esquete. No contexto chama atenção que só o professor fala. Os alunos respondem apenas aos estímulos motores e não expressam qualquer reação às provocações, inclusive, em “Aula de Quinta” observamos o que seria a continuação da “Aula de Segunda”, como os próprios dizeres indicam:

Se você sobreviveu ao urso ciclista da aula de segunda, não foi malhar na terça por preguiça e nem na quarta porque encheu a cara no happy hour do trabalho que acabou num show bizarro de pompoarismo com tailandesas num inferninho da Lapa, quinta é dia de voltar aos trabalhos (PORTA DOS FUNDOS, 2013).

A dificuldade de manter a rotina de treinamento físico e abdicar de momentos, que apesar de divertidos não fazem parte do modelo a ser seguido fica em destaque. O enredo reforça a ideia de passividade dos alunos observada anteriormente. As provocações feitas pelo professor também se tornam mais agressivas se comparadas à “Aula de Segunda”. Uma novidade é o fato de haver certa proximidade entre professor e alunos, inclusive o conhecimento de fatos pessoais é requisitado pelo professor para incentivar os alunos numa espécie de humilhação, que funciona como estímulo. O plano close-up de câmera retrata o momento em que o professor cospe na aluna, declarando ter nojo dela, como podemos visualizar na Figura 3:

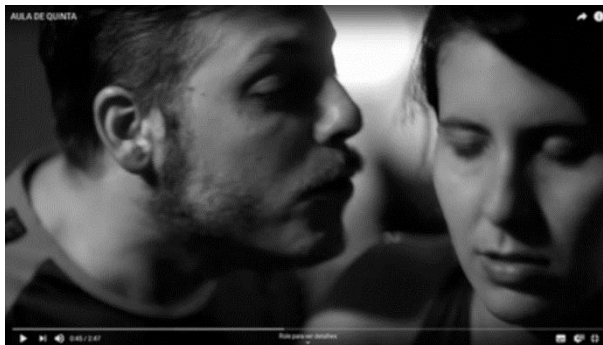


Figura 3. Cena em que o professor cospe na aluna em “Aula de Quinta”.

A aula encerra com aplausos. Neste momento há um breve estreitamento da relação professor e alunos. Nas cenas finais o professor de quinta ainda conversa com o de segunda e expõe sua preocupação com aspectos da vida pessoal dos alunos, sobretudo, ensaiando uma compreensão que relaciona o insucesso dos resultados atingidos por uma aluna com outras esferas de sua vida.

Por último, apresentamos “Aula de Sábado”, edição em que as críticas ganham maior profundidade. Vejamos os dizeres que estampam sua chamada:

Vamos falar de coisa séria. Vamos falar de *Crossfit* consciente. Turbine o seu corpo sem perder a responsabilidade social. Pratique o *Spinning* ecologicamente sustentável. Diga “não” às mortes no trânsito com a aula de *Hatha yoga*. Participe da campanha do agasalho queimando aquele pneuzinho desnecessário e reflita sobre os dilemas da humanidade com força, equilíbrio e flexibilidade [...] (PORTA DOS FUNDOS, 2014).

O inesperado surge logo na apresentação da aula trazendo a primeira contradição aparente, ou seja, “*CrossFit* consciente”. A polissemia presente nesta expressão desperta curiosidade sobre o que está pressuposto, já que a essência da modalidade não tem relação com autoconhecimento ou mesmo questões de cunho humanista, como sugerido na contextualização do esquete. Ao contrário, a origem do *CrossFit* aponta para uma lógica que tem como preceitos básicos os interesses de mercado.

Na Figura 4, o plano conjunto de câmera permite observar que o cenário não representa um espaço adequado à prática do *CrossFit*. Trata-se de uma sala de ginástica ocupada pelo que seria o *coach* e os *crossfitters*, forma como são chamados os praticantes da modalidade:

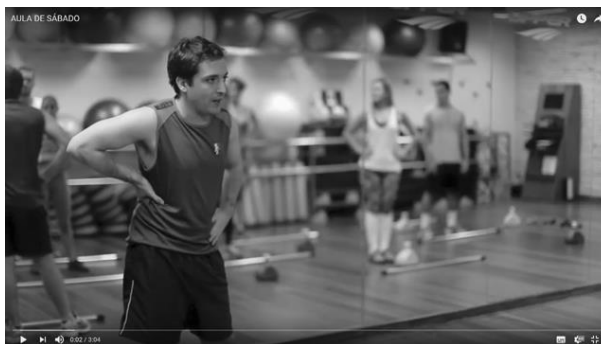


Figura 4. Cenário da “Aula de Sábado”.

A cena tem início com uma explicação sobre a atividade. Partindo de um contexto imaginário é proposto que os participantes simulem situações nas quais colaboram para minimizar problemáticas sociais como fome, doença e moradia. São fornecidos comandos sobre os movimentos a serem realizados e ao passo que os exercícios são feitos, as palavras do *coach* vai iluminando a distância existente entre práticas de culto ao corpo e as demandas sociais. Também são trazidas à tona reflexões acerca do excesso de tempo dedicado a cultivar o corpo e sobre a rasura de sentido presente em tais práticas. Os movimentos pertencem ao universo *fitness*, porém, as palavras ditas não caberiam ali.

A construção do enredo humorístico presente em “Aula de Sábado” retoma o inusitado presente nas demais edições. E outro aspecto que chama atenção é o semblante do *coach*, assim como em “Aula de Segunda”, contraria o comum nessas ocasiões, ou seja, a figura extrovertida do profissional de Educação Física cedeu lugar para uma fisionomia especulativa e indignada. No que se refere aos *crossfitters*, o semblante de apatia, também expresso pelo plano próximo de câmera na Figura 5, representa os demais. Considerando a prontidão e foco na realização dos movimentos propostos, fica sugerido que novamente a emoção não é afetada. Todos reagem da mesma forma, respondendo apenas aos comandos motores.

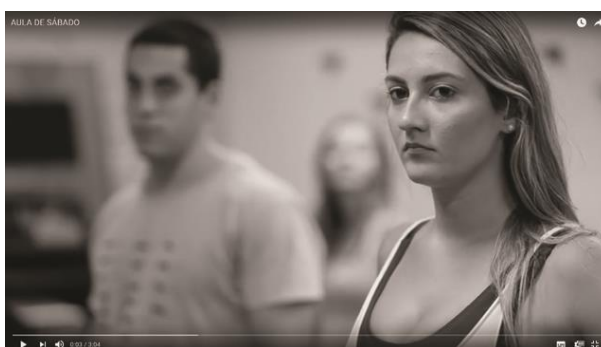


Figura 5. Expressão facial da aluna em “Aula de Sábado”.

A transcrição de trechos da fala do *coach* facilita a compreensão do que é dito na edição:

- [...] Dribla o “pitoco”, mas como se a vida de vocês depende disso, como se vocês tivessem ajudando alguém.
- [...] Esquece que é vaidade, Cintia, esquece que vocês estão fazendo isso só porque vocês querem parecer um pouquinho mais jovem, um pouquinho mais magra, tirar uma foto no *Istagram*. Esquece que é só questão de ser desejado por pessoas que vocês não conhecem; pronto!

Na parte final do vídeo é possível observar que cenas curtas retratam o que poderia ser mais momentos da aula. Nelas são abordados pensadores e possíveis aplicações de suas teorias na aula de “*Crossfit* consciente”.

- Bem, hoje vai ser um *crossfit* platônico, inspirado no filósofo Platão. Vai ser um *crossfit* apenas no mundo das ideias, certo?
- Vai imaginar que a gente tá levantando a barra agora, tá? Porque a gente tá dentro da caverna. O mundo é um simulacro, certo?
- Então esse é o *crossfit* da Clarice Lispector, tá?
- [...] Levantar a barra. Como sentir o que não é poesia.
- Lacan, ele acreditava que o significante também é portador de significado, certo? Chegou no final da montanha, quem que tá lá? É a morte. Esse é o *CrossFit* de Schopenhauer. Pronto acabou.

IV. Discussão

Através da mídia podemos constatar diversas convenções aceitas socialmente, então, no caso dos vídeos analisados a tentativa de atribuir significados aos movimentos feitos em prol de si mesmo em academias fitness se configura como uma forma bastante capciosa encontrada para criticar a rasura de sentidos inerente às práticas de culto ao corpo na atualidade. Fica sugerido que a elaboração do enredo requisitou sentidos instituídos sobre a Educação Física. Basta lembrar-se da dificuldade que a profissão tem para extrapolar sua dimensão técnica. A contradição existente na tentativa de aproximar o discurso humanista das práticas de culto ao corpo remete aos sentidos que originaram a área e também às representações evidentes em outras programações presentes na mídia, como mencionamos na introdução do estudo.

As provocações não se limitam ao spinning e ao CrossFit, elas compreendem todas as práticas corporais que supervalorizam a estética, perpassando até mesmo pelo ballet e yoga, em suas versões fitness.

Estas e as demais insinuações feitas pelo “Porta dos Fundos” se tornaram possíveis pela utilização do discurso artístico/ lúdico, que segundo Orlandi (2003) é capaz de promover rupturas de sentido. O que normalmente não é dito por necessidade nos discursos tidos como verdadeiros, em discursos humorísticos vêm à tona, inclusive a autora afirma que na ideologia não há ocultação de sentidos, porém, o apagamento do processo de sua constituição faz com que os acontecimentos pareçam naturais.

Foi exatamente o que observamos nestas edições quando o inusitado, configurado pela quebra do silêncio, abriu para a interpretação do espectador completar o sentido dos dizeres com base na experiência e/ ou imaginário sobre as situações representadas. Por exemplo, ao extrapolar o viés biológico da prática de exercícios físicos e incluir a essência das ciências humanas e sociais, “Aula de Sábado” expôs uma rasura de sentido, se constituindo um convite ao riso. As menções à Alegoria da Caverna de Platão, aos pensamentos de Lacan e Schopenhauer, bem como, à poesia de Clarice Lispector tornaram as críticas ainda mais contundentes. A ideia de imersão em um simulacro sugere que os praticantes vivem aprisionados pela vaidade, numa espécie de fuga da realidade.

Pozzato (2010) já havia chamado atenção para a superficialidade dos significados relativos aos movimentos realizados em práticas corporais oferecidas em academias fitness. Ao contrário dos tempos primitivos, quando a humanidade utilizava ferramentas para transformar a natureza em prol da sobrevivência, atribuindo-lhe sentidos, hoje o que observamos é uma inversão, já que o indivíduo se adapta às mesmas a fim de transformar o corpo, abrindo mão de sua liberdade de movimento. Este esvaziamento simbólico relativo aos movimentos corporais acontece em prol de uma estética corporal banalizada e sustentada pela mídia.

Vale lembrar, de acordo com Saliba (2002), que o gênero humorístico pauta-se no direito à liberdade de expressão, não devendo ser considerado como uma forma preconceituosa de dizer. Assim, considerando a complexidade e interligação das críticas evidentes nos esquetes, desenvolvemos algumas reflexões no entorno de quatro eixos ligados à Educação Física: práticas de culto ao corpo para controle social, por Foucault (2004) e Lino Castellani (1988); práticas de culto ao corpo e a noção de narcisismo por Lasch (1983); práticas de culto ao corpo e bioescese por Ortega (2008); e a incompatibilidade entre discurso humanista e práticas de culto ao corpo como reflexo do distanciamento existente entre os conhecimentos produzidos a partir das ciências naturais e as ciências humanas e sociais, por Silva (2001).

Seguindo a sequência apresentada, iniciamos pela constatação que apesar das particularidades, a Educação Física não é um caso isolado em que o individualismo e a alienação imperam exacerbadamente. Ao discutir as sociedades disciplinares, Foucault (2004) evidencia uma realidade de âmbito global na qual as relações de poder e dominação estão embutidas no corpo, impondo-lhe limitações, obrigações e punições de modo a torna-lo dócil e útil produtivamente. No entremeio dessas relações que são estabelecidas, o funcionamento social é mantido em favor de determinada “ordem” através de um discurso normativo que estipula as necessidades do indivíduo e os padrões de comportamento aceitáveis.

O autor ainda destaca quão sutis são as táticas que garantem o gerenciamento dos corpos e das vidas, de forma que é comum o indivíduo nem perceber que está sendo comandado. Fica evidente que a Educação Física está no entremeio destas relações de poder, contudo, dadas as fragilidades inerentes ao seu surgimento, ela se torna ainda mais suscetível aos mecanismos de manipulação. Vale lembrar que a mesma teve origem no discurso médico e militar direcionado à obtenção de um corpo forte e saudável, com vistas à manutenção da “Ordem e Progresso” no país (Castellani Filho, 1988). Para Foucault (2003), trata-se da política entranhando o corpo pelo discurso biológico que atrela o valor da vida à produtividade.

Tais acontecimentos abrangem o indivíduo integralmente perpassando pela emoção. Ao observarmos a contradição entre a valorização da prática de exercícios físicos e o desvalor das relações interpessoais em “Aula de Segunda” e a incompatibilidade entre o discurso humanista e as práticas de culto ao corpo em “Aula de Sábado”, somos levados a refletir sobre o individualismo tratado por Lasch (1983). Ao discutir a cultura narcisista, cuja compreensão advém da psicanálise, o autor mostra o impacto psicológico ocasionado pelas mudanças sociais sobre os comportamentos de ordem individual, demonstrando que a consciência da finitude existencial e a descrença na possibilidade de transformar a sociedade culminam na preocupação do indivíduo em investir no próprio eu. O mesmo passa a investir em práticas de autocuidado que envolvem o estado psíquico, o corpo e a saúde. Isto é escancarado em “Aula de Sábado”, em vários dizeres, como por exemplo, nos seguintes: “[...] esquece que vocês estão fazendo isso só porque vocês querem parecer um pouquinho mais jovem, um pouquinho mais magra, tirar uma foto no Instagram. [...]”.

Como o narciso não valoriza a cooperação, o discurso humanista não faz sentido no enredo do esquete. É por isso, que naquele contexto a reflexão pode ter configurado um convite ao riso. Ortega (2008) ainda afirma que a ausência dos indivíduos frente às problemáticas sociais também tem relação com a perda dos vínculos religiosos, que antes e de certo modo estimulavam a justiça social e a abnegação de si pelo bem do outro. Como hoje o que deve ser melhorado é o próprio “eu”, a ideia de caridade presente no imaginário religioso não cabe mais, sobretudo, nos rituais de culto ao corpo. Se antes os indivíduos se submetiam às práticas altruístas objetivando aproximar-se de Deus, hoje a satisfação de si é a instância almejada; tanto que em “Aula de Sábado” os crossfitters não reagem quando lhes é sugerido ajudar o próximo. O “outro” enxergado por eles é a própria imagem refletida no espelho.

De maneira geral os esquetes chamam atenção para a supervalorização atribuída à prática de exercícios físicos. Ao analisar o jornal O Globo on line no que se refere a esta temática, Zalfa et al. (2016) constatam que apesar das menções ligadas aos benefícios da vida ativa partirem da perspectiva biológica do ser humano, há ideia de dogma e de solução para problemas de diferentes naturezas, como se tratasse de uma panaceia. Neste contexto, julgamentos situam indivíduos fisicamente ativos no extremo do bem, enquanto os sedentários situam-se no extremo oposto. Pode-se dizer que, de certo modo, esta polarização preenche o vazio que acomete os indivíduos submissos.

Outra forma de compreender as críticas postas nas edições, que não foge à lógica discutida até agora é a ideia de bioascese, que segundo Ortega (2008) é mais um modo de disciplinamento. Para o autor, toda cultura possui um imperativo ascético, implicando num

processo de subjetivação. Neste cenário, existe uma noção de transcendência que acontece pelo deslocamento de determinada subjetividade para outra, havendo uma identidade que é recusada e outra desejada, valorizada. Originalmente o ascetismo apresentava relação com práticas políticas visando resistência, exercício da liberdade e busca por identidade. Contudo, hoje adaptação e conformismo o definem melhor, já que espontaneidade e capacidade criativa foram tolhidas do indivíduo. Como são raros os que estão satisfeitos com o próprio corpo, o mesmo passa a ser objeto de incertezas, sendo admitido apenas se submetido a transformações constantes. Já que a pessoa não se considera capaz de promover mudanças no mundo, ela muda o corpo, sua única opção de criação.

É deste modo que as bioasceses visam à ascese da alma. Arelada a elas está a bioidentidade, que além de relacionada à capacidade de autocuidado também é uma forma de construção indenitária. Neste âmbito as reflexões sobre si são substituídas pela busca do prazer e os afetos pelas sensações. Os ideais sociais passam a não existir, pois, as bioidentidades são apolíticas, Ortega (2008) afirma que "o eu existe só para cuidar do corpo, estando ao seu serviço" (p.43). Assim, molda-lo de acordo com os padrões pré-estabelecidos pela cultura de consumo se configura como uma forma de transcender.

Nesta perspectiva, o olhar alheio adquire grande valor, sobretudo, impondo certa vulnerabilidade ao indivíduo que passa a depender disso para existir. É exatamente esta a realidade retratada em "Aula de Sábado", ou seja, o indivíduo cuida de sua aparência para expor fotos nas redes sociais e despertar o desejo de pessoas desconhecidas, como sugere o coach.

Até aqui as discussões perpassaram pelos mecanismos de controle social, pelo impacto psicológico ocasionado pelos acontecimentos da atualidade sobre o indivíduo e pelo ideal ascético presente nas práticas de culto ao corpo. No entanto, há uma questão estrutural relativa à Educação Física que diz respeito à produção de conhecimentos, que apesar de não estar transparente nos esquetes, pode ser pensada por estar implícita ao fazer profissional. Trata-se do distanciamento existente entre os conhecimentos produzidos pelas ciências naturais e pelas ciências humanas e sociais no campo da Educação Física. Como observamos há evidências que o viés mecânico da área, motivo de estereótipias desde a origem, ainda não foi superado. Segundo Orlandi (2003), mesmo havendo mudança de sentido, há no diferente algo que é conservado, tornando sua essência similar a sua origem.

Em parte isto se deve ao que é discutido por Silva (2001), ou seja, os estudos sobre o corpo são majoritariamente ligados ao positivismo, implicando que a produção de conhecimentos só é considerada relevante se puder ser medida. Aspectos difíceis de mensurar como aqueles ligados ao âmbito sociocultural são rotineiramente desprezados, tornando o corpo um mero objeto. Na visão da autora esta fragmentação é responsável por contradições que observamos cotidianamente no Ocidente, como por exemplo, os contrastes existentes entre miséria e vaidade. O trecho abaixo elucida esta reflexão que fecha a discussão no presente estudo:

A expectativa de corpo fundada a partir de seu culto, que é, em grande medida, de natureza narcisista, contrasta com a situação vivenciada por grande parte da humanidade que convive cotidianamente, com os flagelos da fome e da doença; para a grande maioria a expectativa de corpo se pauta por seu definhamento. Constituindo-se, assim, uma situação paradoxal: no momento em que a humanidade poderia estar usufruindo das promessas da Modernidade e dos decantados avanços da ciência, a maior parte dela não tem nem mesmo, as condições para uma vida digna. (p.4)

IV. Conclusões

Através do humor ficou evidente a incompatibilidade existente entre o discurso humanista e as práticas de culto ao corpo. A rasura de sentidos inerente às práticas corporais oferecidas nas academias Fitness atuais se configurou como convite ao riso, possibilitando reflexões sobre bioascese e narcisismo, que favorecem práticas consumo de modo bastante eficaz.

Também emergiram fragilidades inerentes à produção de conhecimentos no campo da Educação Física, ficando explícito que a superação de seu viés mecânico não aconteceu, ou seja, a essência das práticas corporais retratadas nos esquetes conserva sentidos de outrora e a preocupação com a estética ainda é a que prevalece.

Dado o poder de influência do discurso midiático é importante que outros estudos continuem iluminando reflexões sobre as abordagens ligadas à Educação Física. Como observamos, as análises aconteceram a partir de um referencial teórico que extrapola a Educação Física e abrange autores da Filosofia, Sociologia e Comunicação. Este fluxo se mostrou eficaz para compreender enfoques ligados ao corpo e pode ser requisitado para novas apreciações.

Referências

ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. The Fitness Revolution. Historical transformations in the global gym and fitness culture. **Sport Science Review**, Bucharest; v. 23, n. 3-4, p. 91-112, 2014. Disponível

em: <https://www.researchgate.net/publication/277018421_The_Fitness_Revolution_Historical_Transformations_in_a_Global_Gym_and_Fitness_Culture> Acesso em: 12 dez. de 2016.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 128p.

BURGESS, J; GREEN J. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. 240p.

CÂNDIDO, C. M.; ASSIS, M. R.; FERREIRA, N. T. COELHO, L. A. M. C. A representação da educação física na 18ª temporada da telenovela Malhação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n.1 p.95-106, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-

[55092015000100095&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S1807-55092015000100095&lng=pt&tlng=pt) >
Acesso em: 12 dez. de 2016.

CÂNDIDO, CM; PALMA, A; ASSIS, MR. A representação da Educação Física no quadro MEDIDA CERTA/90 DIAS PARA REPROGRAMAR O CORPO exibido pela TV Globo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 345-357, 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S1807-55092016000200345&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 12 dez. de 2016.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus; 1988. 93p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes; 2004. 318p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. 302p.

FURTADO, RP. Do fitness ao *wellness*: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Revista Pensar a Prática**, Goiás; v. 12, n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/4862>> Acesso em: 14 dez. de 2016.

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, tv, rádio, e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto; 2006. 279p

KURY, AG; ROSA, U. **Minidicionário**. Editora: FTD, 2001. 1184p.

LASCH C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Editora Imago; 1983. 322p.

MARCELINO, NC. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Goiás, v. 11, n. 2, p. 49-54, 2003. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/118273644/Academias-de-ginastica-como-opcao-de-lazer-Marcellino-pdf>> Acesso em: 19 jan. de 2016.

ORLANDI, EP. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes; 2003. 276p

ORLANDI, EP. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes; 2007. 160p.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro, Garamond; 2008. 264p.

Porta dos fundos. Identificação do coletivo humorístico. Disponível em: <<https://www.portadosfundos.com.br/sobre>> Acesso em: 20 nov. de 2016.

Porta dos Fundos. Vídeo: Aula de Segunda. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RzFB3PpDc7c>> Acesso em: 20 nov. de 2016.

Porta dos Fundos. Vídeo: Aula de Quinta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cidmIEj5-c>> Acesso em: 20 nov. de 2016.

Porta dos Fundos. Vídeo: Aula de Sábado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=32ZOkIRlaOw>> Acesso em: 20 nov. de 2016.

SERRA, GMA; SANTOS, EM. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro; v. 8, n. 3, p. 691-701, 2003; Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S1413-81232003000300004&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 20 nov. de 2016.

POZZATO, MP. A academia paleolítica: aparelhos e corpos no fitness contemporâneo. **Revista dObra[s]**, São Paulo; v. 4, n. 10, p. 79-84, 2010. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/artic/e/view/187>> Acesso em: 20 nov. de 2016.

SALIBA, ET. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira da Belle

Época aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras; 2002. 384p.

SILVA, AM. **Corpo, ciência e mercado:** reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Florianópolis: Autores Associados; 2001. 152p.

ZALFA, LMC; CÂNDIDO, CM; ASSIS, MR. Os sentidos dos discursos sobre atividade física no

Jornal O Globo *Online*. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília; v.24, n. 2, p. 15-25, 2016. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5770>> Acesso em: 20 jan. de 2017.

Recebido em: 04/10/2019

Aceito em: 26/12/2019

Endereço para correspondência:

Cássia Cândido

cmarquescandido@yahoo.com.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)